

A SOLIDÃO NA PESSOA DE CRISTO

- A solidão no mistério de encarnação
- A solidão superada pela compaixão
- A oração de Jesus
- O chamamento dos Apóstolos
- O anúncio da cruz: a solidão da incompreensão
- A instituição da Eucaristia

Introdução

A vida e ministério do Filho de Deus entre os homens aparece assinalada pela mais intensa comunhão humana e divina, mas ao mesmo tempo por uma peculiar solidão, que se manifesta, particularmente, na hora derradeira da agonia e da morte na cruz.

1. O mistério da encarnação

A primeira dimensão da solidão assumida por Jesus Cristo é da ordem do ser, enraíza-se no próprio mistério da encarnação. Em sentido exclusivamente ontológico devemos sublinhar a novidade absoluta que caracteriza a pessoa de Cristo, perfeito homem e perfeito Deus. Por isso podemos dizer que, desde o primeiro instante da Sua existência no seio de Maria, está só, porque é único, no sentido mais exato da palavra. O Unigénito de Deus une a natureza humana à sua natureza divina, na unidade pessoal do Verbo, o que manifestamente não tem precedentes nem possíveis termos de comparação.

Tal é, por assim dizer, a solidão «ontológica» que caracteriza o mistério de Cristo. À semelhança dos outros homens, também no caso absolutamente singular de Jesus Cristo esta dimensão essencial refletir-se-á em toda a sua vida. O Salvador dos homens nasce em absoluta pobreza e em perfeita solidão, e não se vê como pudesse ter sido de outro modo. Dir-se-ia que a Solidão ontológica de Jesus, a sua novidade irreduzível se espelha nessa solidão física que O envolve no presépio de Belém, que não é ainda incompreensão endurecida da parte dos homens, não é ainda rejeição formal, como virá a ser mais tarde, é apenas ausência, é apenas congénita impreparação, é a radical

incapacidade humana para acolher o Filho de Deus, que penetra na história envolvido no mais inconcebível despojamento.

A pouco e pouco, alguns homens acorrerão, de proveniências e condições muito diversas, mas aquela «primeira noite do Filho do homem encerra já em si um longínquo presságio da noite derradeira, quando Ele «se humilhou, fazendo-se obediente até à morte» (Filip 2, 8)».

2. Jesus e as multidões

Esta irrupção do Reino, particularmente quando atestado por sinais e prodígios, não poderia deixar de atrair as multidões, pelas quais Jesus se vê frequentemente rodeado. Em seu favor opera milagres e anuncia a Boa Nova do Reino de Deus. As multidões maravilhavam-se com a sua doutrina porque as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas (Mt 7,28-29).

Jesus não fica indiferente perante as multidões: ao vê-las, «compadeceu-se delas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor» (Mt 9, 36). A compaixão «pastoral» de Jesus era precisamente o que O levava a superar o anonimato, que, de maneira inevitável, subsistiria em qualquer encontro com as multidões. A sua missão caracterizava-se, sem dúvida, por uma dimensão comunitária, no mais exato sentido da palavra, uma vez que se destinava a congregar e edificar a Igreja do Novo Testamento, mas isso mesmo não excluía, antes pelo contrário, implicava uma relação pessoal com cada um dos homens por causa dos quais fora enviado.

O seu alcance ilimitado transparece já e realiza-se em cada um dos inúmeros encontros individuais, muitas vezes a sós, fazendo apelo ao que havia de mais pessoal e profundo nos seus interlocutores.

De entre esses encontros poderia citar-se, em primeiro lugar, o diálogo com Nicodemos, que «veio ter com Jesus, de noite» (Jo 3, 2) e, para além do que poderia prever, foi introduzido por Jesus no dinamismo do novo nascimento segundo o Espírito (3, 3-8). Ou também o colóquio com a Samaritana (Jo 4, 1-26), que vinha simplesmente tirar água, e que «ficou admirada por um judeu lhe pedir de beber, coisa que não costumavam fazer os judeus. Recorde-se também o inesperado convite a Zaqueu, a quem uma misteriosa inquietação levava a subir a um sicómoro para ver Jesus. Ou, por fim, o encontro com o jovem rico (Mt 19, 16-22).

Na linguagem das parábolas, trata-se do zelo ardente do verdadeiro pastor que, possuindo cem ovelhas e tendo-se perdido uma, não hesita em deixar as noventa e nove sobre os montes para ir em busca da que anda perdida (Mt 18, 12). «E, se conseguir encontrá-la, em verdade vos digo que se alegra mais por ela, do que pelas noventa e nove que não se desgarraram» (Mt 18, 13). Cada uma das ovelhas vale todo o cuidado e todo o esforço do pastor, que, aliás, não só as procura e as conduz, mas dá a vida por elas (Jo 10, 11). Daqui uma relação de mútua reciprocidade e incomparável intimidade: «Eu sou o Bom Pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas conhecem-me. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; Eu conheço-as e elas seguem-me, Eu dou-lhes a vida eterna jamais perecerão e ninguém as arrebatara da minha mão» (Jo 10, 14.27-28).

A solidão da indiferença, do desinteresse, do mútuo alheamento e aqui completamente superada. O Unigénito Filho de Deus trata cada homem como único, conhece a cada um pelo seu nome.

3. A oração de Jesus

Antes, porem devemos ainda aprofundar o sentido da solidão voluntária de Jesus, que se manifestava mais que nunca quando se separava dos homens para se dedicar a oração. No apogeu da sua fama, em que de toda a parte as gentes afluíam para O ouvirem e serem curadas das suas enfermidades, Ele retirava-se para lugares desertos para rezar (Lc 5, 15-16). Antes de iniciar um longo período de peregrinações apostólicas através da Galileia, «de madrugada, era ainda escuro, levantou-se, saiu e retirou-se para um lugar deserto onde se pôs a rezar (Mc 1,35).

Também a escolha dos Doze foi precedida, segundo S. Lucas, de uma inteira noite de oração solitária: «Naqueles dias, foi a montanha para fazer oração, e passou toda a noite a rezar a Deus. Ao amanhecer, chamou os seus discípulos e escolheu doze de entre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos» (Lc 6, 12-13). Não admira, pois, que Jesus recomende, àqueles a quem revela o espírito novo do Reino de Deus, esta mesma solidão destinada à oração: «Quanto a ti, quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta, e reza a teu Pai, presente no segredo. E teu Pai, que vê no segredo, te dará a recompensa» (Mt 6, 6).

Esta extensão aos discípulos da forma solitária de rezar que é própria e característica de Jesus, poderia fazer pensar que se trata apenas de uma nova técnica, contrastante com as práticas que predominavam no seu

tempo, mas situando-se no mesmo plano, isto é, no plano formal dos «métodos de oração». Mas não é isso, evidentemente, o que aqui nos é dado entender. A solidão da oração de Jesus exprime e manifesta a sua «solidão original», o mistério único do seu ser, a sua relação sem igual com o Pai, como Filho de Deus feito homem e, em consequência, a sua pessoal identificação com a missão que o Pai lhe confiara.

A oração solitária de Jesus não pode, portanto, ser entendida em chave meramente psicológica, mas unicamente ontológica ou, mais propriamente, teológica. Segundo a lógica da Encarnação, trata-se de uma privilegiada expressão da eterna intimidade entre o Filho e o Pai, na comunhão pessoal do Espírito, diálogo que jamais foi interrompido, que permeia toda a existência humana do Verbo Encarnado.

Se, por sua vez, também os discípulos são exortados a «rezar no segredo», é fundamentalmente por motivo da sua elevação em Jesus Cristo à condição de filhos adotivos. A oração dos discípulos é expressão e ao mesmo tempo realização da sua própria condição filial, e por isso a sua dimensão mais profunda não pode também, como a de Cristo, deixar de ser oculta e feita em solidão, isto é, manifesta apenas aos olhos de Deus e só por Deus, verdadeiramente conhecida.

4. Chamamento e missão dos Apóstolos

Segundo a narrativa do Evangelho de S. João, o seguimento dos primeiros discípulos baseia-se, e, de certo modo tem já o seu início, num primeiro encontro com Jesus induzido e possibilitado por este singular convite «Vinde e vede» (Jo 1,39).

Relativamente a esse momento original os Sinópticos sublinham que o chamamento de Jesus trouxe consigo uma completa mudança de vida e um radical despojamento por parte dos chamados que, deixando as redes, o barco e o pai, imediatamente seguiram o Senhor (Mt 4, 20, 22).

Em consequência da vocação recebida, estes homens destacam-se por completo da vida que levavam separando-se do próprio ambiente de trabalho e de família em que até então tinham vivido. São escolhidos dentre a multidão, o que significa que a sua vocação traz consigo uma peculiar solidão, um sair da medida comum para seguir a Jesus Cristo numa relação de absoluta exclusividade: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim» (Mt 10,37) - o que não se aplica somente aos apóstolos, em sentido estrito, mas, necessariamente a todos os cristãos.

Jesus chamou a si os que Ele quis, e constituiu os doze para que estivessem com Ele (Mc 3,14). Eles tiveram uma intimidade particular com Jesus Cristo: «Já não vos chamo servos ... mas amigos» (Jo 15,15). A seguimento de Cristo levá-los-á a partilhar o mesmo destino: «Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mc 8,34). Trata-se de um seguimento ao qual não poderão ser postos limites: se o for de verdade, conduzirá necessariamente até à cruz.

A existência de Jesus é, pois, impensável sem esta partilha com os homens. E, no entanto, há em Jesus Cristo algo que não pode, em absoluto, ser partilhado, em razão da incomunicabilidade essencial e original da sua pessoa e da sua missão. Trata-se de um paradoxo insolúvel, contudo, Jesus percorrerá inteiramente só o caminho da agonia e da cruz.

5. O anúncio da Cruz e o adensar da incompreensão

No momento da cruz mais se adensa a incompreensão da pessoa e do mistério de Cristo. Esta incompreensão verificou-se em todos os momentos da sua existência terrena. Nas suas duas grandes partes essenciais do evangelho de Marcos, do início até á confissão de Cesareia (1,14-8,26) e desta até a morte e ressurreição (8,27-16,20), com extraordinária intensidade, é apresentado o problema da verdadeira identidade de Jesus: nem as multidões, nem sequer os discípulos conseguiram penetrar neste segredo. Só a Ressurreição inundará de luz este mistério e, desde então, é na Igreja que ele poderá ser conhecido.

Até lá, porém, o evangelista insiste na incompreensão com que os milagres e os ensinamentos de Jesus foram recebidos por aqueles que os presenciavam e ouviam: «De onde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos? Não é este o carpinteiro, o filho de Maria? (...)» (Mc 6, 2-3). E o próprio Jesus «admirava-se da incredulidade daquela gente» (Mc 6, 6).

Os mesmos apóstolos, destinatários de um ensinamento especial de Jesus (4, 10-11), «no seu íntimo estavam cheios de espanto, pois não tinham entendido nada a respeito do milagre dos pães, porque o seu coração estava endurecido» (Mc 6,51-52).

O episódio de Cesareia de Filipe assinala uma grande viragem, e inaugura a segunda parte do Evangelho: Pedro reconhece a dignidade messiânica de Jesus e proclama-a em nome dos doze (Mc 8,27-33; Mt

16, 13-20; Lc 9,18-21). A partir da confissão de Pedro, Jesus começa a revelar a verdadeira face do seu messianismo: «Começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muito, e fosse rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes, e pelos escribas e fosse morto» (Mc 8,31).

Depois do primeiro anúncio da sua paixão encontramos a incompreensão de Pedro: «Pedro, chamando-o à parte, começou a censurá-lo» (8, 32) e, a seguir, a resposta intransigente e duríssima de Jesus: «Vai-te da minha frente, Satanás, porque não tens em vista os interesses de Deus, mas sim os dos homens» (8,33). Por ocasião do segundo anúncio da Paixão, o evangelista observa que os discípulos «não entendiam aquelas palavras, e tinham medo de O interrogar» (Mc 9,32). Logo a seguir estará em questão, como assunto de conversa, nada menos do que saber «qual deles seria o maior» (Mc 9, 34). De maneira semelhante, à terceira profecia da Paixão sucede-se, por estranho que pareça, o ambicioso pedido dos filhos de Zebedeu: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda» (Mc 10, 37).

Vemos, portanto, que a solidão de Jesus se acentua desde o primeiro anúncio da Paixão, e não cessa de crescer, na exata medida em que Jesus mais insistentemente a revela, e se encaminha em sua direcção. Os discípulos compreenderam já que Jesus é o Messias, mas a sua compreensão é imperfeita porque não integra a perspectiva do sofrimento e o caminho para a cruz. Os homens são incapazes de se abrirem, contando somente com as suas próprias forças, ao núcleo mais íntimo da Revelação. Apenas com a ajuda do alto o poderiam fazer, mas, de momento, só muito imperfeitamente se mostram disponíveis a receber essa graça. Portanto, Jesus continuará só, mas nem por isso menos decidido: prosseguindo «à sua frente», percorrerá até ao fim o seu caminho, inquebrantavelmente fiel à missão recebida.

Jesus encontrará mais uma vez as multidões, ao entrar em Jerusalém, e será aclamado por elas como o Messias e Senhor (Mt 21, 1-11). Mas não são capazes de captar o seu verdadeiro segredo de momento que entregaram Jesus à morte, mergulhando elas mesmas na maior desolação.

6. Eucaristia: comunhão e separação

Retornando à relação de Jesus com os discípulos e às dimensões da partilha que com eles quis instaurar, a nossa atenção deve centrar-se, agora no mistério da Eucaristia.

Para Jesus, a última Ceia e o ponto culminante, o momento mais desejado na via que O leva à Paixão: «Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de padecer» (Lc 22,15). Na última Ceia foram reveladas as disposições mais íntimas de Jesus: «tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (Jo 13,1).

Parece lícito afirmar que foi a causa desse amor que a partilha atingiu na Eucaristia um alcance imprevisível, inimaginável: O que Jesus Cristo torna presente na Eucaristia é o Seu Corpo e o seu Sangue, o sangue da nova Aliança, derramado pelos homens (Mt 26, 28; Mc 14,24), numa palavra é o próprio Cristo que se oferece pela remissão dos pecados (Mt 26,28). Participar na Eucaristia significa participar no drama irrepitível do sacrifício do Calvário. A última Ceia é a antecipação sacramental do mistério que celebramos na Missa, o Sacrifício redentor que será permanentemente celebrado para todas as gerações.

A Eucaristia significa a participação real dos discípulos no mistério da Cruz, que Jesus realizou absolutamente sozinho. A solidão da Cruz e rigorosamente mantida porque só Jesus será crucificado e morrerá, mas, ao mesmo tempo, é também misteriosamente superada porque os discípulos, comendo o seu Corpo e bebendo o seu Sangue são introduzidos neste sacrifício, antecipado na última Ceia, antes de se consumar historicamente.

A Eucaristia significa o superar a solidão. Os discípulos foram com Jesus naquele momento, depois serão «dispersos» (Mt 26, 31); no entanto, uma vez que comeram a sua Carne e beberam o seu Sangue, são levados nele para além dos seus próprios limites.

Não é inútil acrescentar que esta identificação sacramental deverá ser vivida sob a forma de consentimento pessoal perfeitamente livre e pleno. Receber em mim Aquele que se vai oferecer (ou já se ofereceu, uma vez por todas) em sacrifício por mim, implica conceder-lhe a possibilidade de dispor de mim, sem que se interponham, da minha parte, quaisquer reservas ou limites, e portanto segui-lo para onde quer que vá, no sentido da sua própria disponibilidade.

Isto que dizer que, se tivessem correspondido desse modo, teria sido possível aos Apóstolos não abandonar Jesus. Apesar da unicidade do seu ser, da incomunicabilidade da sua missão e, portanto, da sua solidão irreduzível, ter-lhes-ia sido possível sofrer com Jesus e, de certo modo, morrer com Jesus. Mas tal não sucedeu: a partilha ou, mais exatamente, a comunhão, apesar de já sacramentalmente realizada, foi unilateralmente interrompida: Jesus sofrerá no seu Corpo (místico), mas este, por então, não sofrerá com Jesus.